

Apresentação

Em 22 de Fevereiro de 2019 a Revista Debates propôs a chamada de trabalhos para os dois números que agora lançamos, em novembro e dezembro do mesmo ano (nº 22 e nº 23). O foco destas edições combina duas modalidades: **Criação Musical** e **Sonologia**. Na ocasião da chamada elucidamos os termos em dois parágrafos:

Por criação musical entende-se a investigação de processos e estratégias de criação em composição musical, improvisação, arranjo, audiovisual e arte sonora, em estilos ou vertentes musicais quaisquer.

Por Sonologia entende-se um campo de pesquisas musicais que congrega disciplinas como a acústica, psicoacústica, sociologia, musicologia, antropologia, ciências da computação e design, tendo o som em suas configurações sociais e artísticas como centro.

No que tange à *Criação Musical*, seguimos a designação e a abrangência que o Programa de Pós-Graduação em Música da Unirio deu à linha de pesquisa homônima. Esta configuração foi realizada em conjunto pelos professores Marcelo Carneiro, Daniel Quaranta, Marcos Lucas e eu, em re-elaboração recente da linha de pesquisa. Ecoando o curso de composição musical de UFJF, o qual Quaranta, eu e Castelões elaboramos em 2014, ela enfatiza a criação musical ao invés da análise ou da teorização da música, ou seja, dá foco à documentação e reflexão dos processos criativos para a realização dos trabalhos a serem propostos pelos estudantes durante o curso. Por outro lado, abre-se para campos que, se tomados enquanto “composição musical” estritamente, não poderiam ser abordados, tais como a improvisação livre, o design sonoro e a arte sonora.

O campo da *Sonologia* já tem tradição no quadro de especialidades da Associação Nacional de Pós-Graduação em Música (ANPPOM), mas não contou até agora com uma chamada específica de trabalhos para uma revista acadêmica de ampla divulgação. Por sua vez, ao aproximar a Criação Musical da Sonologia acabamos por enfatizar uma mescla de artigos que dão conta de uma certa produção musical que terá nos métodos de análise elaborados pela Sonologia uma aproximação satisfatória. Esta aproximação foi frutífera e se espelhou nos trabalhos que agora apresentamos.

O **número 22** contou inicialmente com quatro artigos de mulheres, três deles com abordagens feministas. O primeiro artigo, de **Tânia Mello Neiva**, *Música experimental, mulheres, feminismos e a força da arte progressista*, trata da obra de Bella e de Isabel Nogueira, artistas e compositoras de música experimental. A autora analisa os posicionamentos das musicistas frente ao patriarcalismo e a posturas coloniais na música experimental que, apesar de mais progressista que outros campos musicais, como também enfatiza, contém estes resquícios. Com metodologia e epistemologia do feminismo decolonial, o artigo é pensado a partir de uma perspectiva do Sul Global.

Já o artigo de **Lílian Campesato** e **Valéria Bonafé**, *A conversa enquanto método para emergência da escuta de si*, propõe a conversa como um método para a apresentação, reflexão e análise de trabalhos musicais. Em duas obras, *de perto*, de Campesato, e *Trajectoria*, de Bonafé, as autoras explicitam suas trocas de escutas mútuas através de trechos de uma longa conversação transcrita e posteriormente analisada, em um exercício que denominam “cartografia da subjetividade”.

Vozes, sons e herstories: tecendo a pesquisa feminista em música experimental no Brasil, de **Isabel Nogueira** – artista que é alvo do trabalho de Neiva – faz parte de uma pesquisa de escopo mais amplo. O artigo faz um levantamento de artistas brasileiras do som, apresentando oito entrevistas. A autora, por via de suas questões, analisa os posicionamentos das artistas frente ao campo, ressoando também o trabalho mais teórico de Neiva.

O artigo de **Vera Terra**, *“Todas as coisas são um eco do nada”*: *Notas sobre o Projeto John Cage para Órgão* apresenta a peça ORGAN2/ASLSP, de John Cage, que vem sendo tocada desde 2001 em Halberstadt, Alemanha. Sua partitura prevê a execução até 2640. O projeto para sua realização é analisado pela autora sob diversos aspectos. Ela, que visitou a obra musical/instalação “trans-epocal”, como a denomina, transcreve também suas impressões da obra e de sua realização, relacionando-a com o pensamento de Cage, do qual é especialista.

Em *“Via-os ao mesmo tempo – ouvia-os ao mesmo tempo”*: *criação musical, teatralidade e autoanálise composicional*, **Heitor Martins Oliveira** analisa sua obra para trio de sopros a partir de documentos que embasaram seu trabalho, o qual resultou em uma peça musical cênica. Outros dois trabalhos analíticos de processos composicionais são apresentando: *O meio da voz e outras vozes: fala e canto na composição de um fonemoteto*, de **Pedro Amorim Filho**, apresenta a ideia de um “fonemoteto” em que a voz é mediadora dos campos da fala e da música, fazendo transições conceituais entre o moteto medieval e a música ameríndia ou entre vozes

humanas e mecânicas. Já em *Reterritorializações: Análise e composição assistida por computador na criação e Rastros para piano e live-electronics*, de **Lucas Quínamo Mendonça** e **Tadeu Moraes Taffarello**, analisa-se a peça mencionada no título, realizada através de composição assistida por computador a partir de *Epigramas e 3 Miniaturas*, de Edino Krieger.

O **número 23** abre com um artigo de **Rui Chaves**, *Walking alongside me: listening, moving, performing and mapping the everyday*, que investiga nossas relações com um lugar a partir do ato de se mover e de escutar, analisando algumas ações artísticas propostas pelo autor. A descrição e reflexão de processos artísticos também se encontra em *A obra Quando se muda a paisagem...*, de **Rodrigo Lima**, como um processo de solfejos, de **Pedro Yugo Sano Mani e Silvio Ferraz Mello Filho**, que fazem uma revisão conceitual do termo solfejo tomando-o aqui enquanto delimitação perceptiva prévia necessária para a composição, aplicando esta concepção à obra de Rodrigo Lima.

O trabalho de **Augusto Piccinini**, *A sonificação e suas práticas artísticas: incursões na art-science, na música, na arte sonora e na data art*, toma o tema relativamente novo da *sonificação* nos diversos campos artísticos mencionados no título. Por sua vez, **Flávio Luiz Schiavoni, João Teixeira Araújo, Igino De Oliveira Silva Junior e Isabella De Melo Freitas** em *As lições aprendidas com a Orchidea* tratam do processo de criação e solidificação de uma disciplina de graduação cujo foco é a computação musical para artistas como um todo, em gradativo aprofundamento conceitual do campo em sucessivos oferecimentos. Além disso analisam o grupo de arte digital Orchidea, vinculado à mesma universidade (UFSJ).

O trabalho de **Ricardo Henrique Serrão** apresenta, em um texto musicológico e sonológico, os estudos de Chopin enquanto precursores dos de Debussy e de certas poéticas musicas do século XX a partir da exploração da “sonoridade funcional”, como tomadas por Guigue e Solomos, e não a partir do mecanismo, como era tradicional até então.

Vera Terra, por sua vez, apresenta uma versão muito bem realizada do texto sobre John Cage publicado no número 22. Na verdade, a versão em português é uma tradução do texto agora apresentado em inglês, que por ênfase editorial decidimos publicar anteriormente. Finalmente, **Giuliano Obici** apresenta em *Dissimulation - plataforma participativa de intervenção sonora para celulares* uma plataforma para celulares tomados enquanto instrumentos musicais participativos, norteados pela gambioluteria, ou seja, uma realização por tentativa e erro e adaptação tecnológica.

Encerramos assim um trabalho que se estendeu por quase um ano e que contou com contribuições significativas para os campos da Criação Musical e da Sonologia, esperando estimular com isso um diálogo mais intenso entre eles. Não podemos deixar de agradecer aos pareceristas internos e externos à Revista, que generosamente contribuíram para sua delimitação. Os artigos, por sua vez, transitaram entre propostas ligadas à composição musical tradicional, a musicologia/sonologia tradicional, a sonologia por via da análise de um campo interdisciplinar (a sonificação), até propostas criativas mais voltadas para o campo das artes sonoras e da criação tecnológica. Por sua vez, uma epistemologia feminista da criação musical se afirmou em três artigos de abertura, dois deles com metodologias ligadas à sonologia. O artigo de Vera Terra em suas duas versões apresenta um trabalho enigmático de John Cage que aponta para um futuro de entrelaçamentos disciplinares ou, mesmo, da extinção de sua demarcação – perspectiva que tentamos lançar com esta proposta editorial.

Desejamos portanto uma leitura inspiradora e livre!

Alexandre Sperandéo Fenerich

Editor

Janeiro de 2020